



## O debate nas Ciências Sociais sobre o processo de surgimento e desenvolvimento da internet

The debate in the Social Sciences on the process of environment and development of the internet

Mauro Navarro<sup>1</sup>

**Resumo:** Desde o seu surgimento a internet revolucionou a vida em sociedade. As plataformas digitais têm-se apresentado como onipresentes no cenário capitalista contemporâneo. Estabelecendo-se como espaços virtuais de interação social, divulgação de notícias, compra e venda de produtos, compartilhamento de vídeos e músicas, arquivamento de documentos e intermediação de serviços, as plataformas têm exercido impactos significativos na sociedade hodierna. Neste artigo, objetiva-se refletir sobre os principais elementos do debate sobre a Internet desenvolvidos nas ciências sociais, desde o surgimento e desenvolvimento, bem como sobre a forma como tem sido utilizada na atualidade. Esse assunto é de extrema relevância para a sociedade, uma vez que tem impacto sobre a vida das pessoas e, por ser um tema tão complexo e abrangente, foi trazido à discussão por meio de uma revisão de literatura. Nesse debate, tratou-se do surgimento e das expectativas sobre os impactos dessa ferramenta, especialmente no que tange a identidade e a sociabilidade.

**Palavras-chave:** Internet; sociabilidade; identidade.

**Abstract:** Since its inception, the internet has revolutionized life in society. Digital platforms have presented themselves as ubiquitous in the contemporary capitalist scenario. Establishing themselves as virtual spaces for social interaction, disseminating news, buying and selling products, sharing videos and music, archiving documents and intermediating services, platforms have had significant impacts on today's society. In this article, we aim to reflect on the main elements of the debate on the Internet developed in the social sciences, since its emergence and development, as well as the way it has been used today. This subject is extremely relevant to society, since it has an impact on people's lives. Faced with such a complex and comprehensive topic, we brought the discussion through a literature review. In this debate, it was about the emergence and expectations about the impacts of this tool, especially with regard to identity and sociability.

**Keywords:** Internet; sociability; identity.

---

<sup>1</sup> Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. E-mail: <[mauronava@gmail.com](mailto:mauronava@gmail.com)>.



## **Introdução**

Na atualidade, a Internet é um dos meios de comunicação mais utilizados. Ela trouxe muitos benefícios, como transposição de fronteiras territoriais, permitindo a troca de informações e interações para além dos continentes; substituindo o telefone, ampliando o alcance nas comunicações como nunca antes havia ocorrido. É uma das ferramentas mais importantes do século XXI, entretanto, nos últimos anos, tem servido a diversos interesses, como um meio de propagação de ideologias e discursos os mais variados possíveis.

A criação da Internet trouxe um novo espaço de compartilhamento de opiniões e informações para a sociedade e proporcionou o surgimento de novos paradigmas sociais, impulsionando a modificação de outros já estabelecidos nas esferas da comunicação e da informação. Castells (2003, p.7) conceitua a Internet como “o tecido de nossas vidas”, e afirma que a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na era industrial. Nesta época, a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana.

A Internet atingiu seu ápice e, nesse processo, veio o sucesso das redes sociais, ampliando suas fronteiras e incrementando reflexões nas várias áreas do conhecimento. É nesse contexto que este trabalho se insere mediante a produção das ciências sociais. Desse modo, o problema que direciona este estudo é a indagação: quais os principais impactos do uso da Internet apresentados no debate nas ciências sociais? O objetivo geral é refletir sobre os principais elementos do debate sobre o uso da Internet que estão presentes no campo das ciências sociais.

A metodologia aplicada neste estudo fez uso da pesquisa com abordagem qualitativa e de revisão de literatura. A perspectiva qualitativa se centra na interpretação de fenômenos sociais. O que, de acordo com Gil (2002, p. 134), trata-se de um conjunto inicial de categorias que, em geral, é reexaminado e modificado sucessivamente, com vistas a obter ideais mais abrangentes e significativos.

## **Internet: processo de surgimento e desenvolvimento**

O surgimento da Internet se deu na década de 1960 e, no final de 1989, o sistema contava com mais de cem mil servidores envolvidos no projeto. Em 1992, o World Wide Web – www – foi lançado, aumentando consideravelmente o número de servidores conectados ao

sistema, superando mais de um milhão. Especificamente em 1995, ocorreu um momento marcante de expansão, em que a Internet ganhou milhares de usuários ao redor do mundo, os quais podiam, a partir de então, buscar, sem sair de suas casas, novas informações antes inacessíveis por meio de pesquisas *on-line* e conhecer novas pessoas nesse novo lugar chamado ciberespaço.

As origens da Internet podem ser encontradas na *Arpanet*, uma rede de computadores montada pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) em setembro de 1969. A ARPA foi formada em 1958, pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com a missão de mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do mundo universitário, com o objetivo de alcançar superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética, na esteira do lançamento do primeiro Sputnik, em 1957. Inicialmente era um pequeno programa que surgiu de um dos departamentos da ARPA, o *Information Processing Techniques Office* (IPTO), cujo objetivo era estimular a pesquisa em computação interativa (CASTELLS, 2003, p. 16).

Por se tratar de uma ferramenta de comunicação, o uso da Internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. No final de 1995, o primeiro ano de uso disseminado da *World Wide Web* - *www*, havia cerca de 16 milhões de usuários de redes de comunicação por computador no mundo. No início de 2001, eles eram mais de 400 milhões; previsões confiáveis apontavam que haveria cerca de um bilhão de usuários em 2005, e é possível que se esteve aproximando da marca dos dois bilhões por volta de 2010, mesmo levando em conta uma desaceleração da difusão da Internet, quando ela penetrasse no mundo da pobreza e do atraso tecnológico (CASTELLS, 2003, p.8).

Em face do surgimento da Internet e seu importante valor de uso para a ampliação da comunicação, Castells (2003) traz a reflexão sobre a universalização dessa rede. Ele mostra que a Internet surge e o seu vínculo primordial é a abertura e a livre modificação do *software* da Internet, particularmente do código-fonte desse. A distribuição aberta dos códigos-fonte permite a qualquer pessoa modificar o código e desenvolver novos programas e aplicações, numa espiral ascendente de inovação tecnológica, baseada na cooperação e na livre circulação de conhecimento técnico.

O surgimento da Internet revolucionou a sociedade, tornando-a informacional, no entanto, essas facilidades não atingem considerável parcela da população mundial, que são os chamados excluídos digitalmente. Nesse panorama, a Organizações das Nações Unidas

(ONU) reconheceu, no ano de 2011, o acesso à Internet como direito humano e, em consonância com o âmbito internacional, o Brasil buscou verificar a possibilidade de inclusão dessa garantia no rol dos direitos fundamentais, o que foi feito a partir da análise da Proposta de Emenda à Constituição 479/2010 e das medidas adotadas pelo Poder Executivo Federal para a inclusão digital.

Mas o que é a Internet? Para responder a essa pergunta, recorre-se a um autor profundamente influente nessa discussão:

A Internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na era industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. Ademais, à medida que novas tecnologias de geração e distribuição de energia tornaram possível à fábrica e a grande corporação como os fundamentos organizacionais da sociedade industrial, a Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede (CASTELLS, 2003, p. 7).

Complementando a discussão conceitual, Castells (2003) desenvolve a argumentação de que a Internet são redes de informação energizadas que têm vantagens extraordinárias, como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação.

Ressaltando características da rede, Castells (1999) entende que a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. Por certo, a revolução da tecnologia da informação possibilitou a expansão de um novo sistema de comunicação, capaz de se adequar e propor uma língua universal digital, que fomenta a integração global de produção e distribuição de palavras, sons e imagens da cultura de cada um, “personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos” (CASTELLS, 1999, p. 53).

A informatização e a onipresença de computadores e suas redes de comunicação têm modificado o cotidiano das pessoas em diversas partes do mundo, desde meados da década de 1980. Esse processo foi acelerado depois do desenvolvimento e da privatização da Internet, na década de 1990. Muitas ações passaram a fazer parte da listagem de práticas que não dispõem um terminal eletrônico ligado à rede mundial de computadores: transações bancárias, busca de informações, acessos a áreas do mercado de trabalho, manutenção de contato com amigos e familiares, entre outros.

A transposição de ações, antes realizadas em outros suportes, para uma rede integrada de computadores se denomina ciberespaço. O termo foi empregado por William Gibson, no livro de ficção científica “Neuromancer”, em 1984. Pierre Lévy explica-o:

Esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como espaço de batalha entre multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. [...] Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores (LÉVY, 1999, p. 92).

Para o autor, está inserido no ciberespaço aquilo que faz parte das codificações digitais, porque, por meio dela, a transmissão de conteúdos e informações se torna “fluida, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual” (LÉVY, 1999, p. 92-93). Essas seriam, para o autor, as marcas que tornam o ciberespaço peculiar.

Essas características também incentivaram pesquisas de outros autores, como Manuel Castells (2003), para quem a interação social que se dá por meio dos dispositivos eletrônicos tem cada vez importância maior na organização social. Para Rodrigues (1999), também é imprescindível voltar o olhar para a realidade mediada pelo computador, pois não há espaço do cotidiano que não tenha sofrido intervenção da técnica. Para ele, as visões otimistas e pessimistas acerca do assunto, tão antagônicas, não precisam de um consenso, mas exaustivas análises que possam traduzir, em alguma medida, o que esse movimento social significa. Na próxima subseção desse capítulo, apresentam-se, em linhas gerais, esses elementos positivos e negativos que integram o debate sobre a Internet.

Segundo Vaz (2008, p. 38), “A Internet é um fenômeno social e deve ser vista como tal”. Definida assim, é compreensível e justificável o interesse dos cientistas sociais de tomá-la como objeto de reflexão, avançando para os desdobramentos que a Internet produz. Para esse autor, um aspecto relevante na interatividade que a Internet proporciona é a comunicação com os consumidores. Destaca-se a passagem que se segue:

Pensar de forma interativa significa ligar os pontos – utilizar-se dos melhores meios para levar a mensagem até o consumidor, não necessariamente os mais lucrativos meios, mas os mais eficientes, de acordo com a nova economia e o novo comportamento do consumidor (VAZ, 2008, p. 38).

Nessa direção que Vaz (2008) aponta o aprofundamento do debate as interações e a inovação dos recursos na conversação revelam inovações para a comunicação e sociabilidade.

## Os eixos do debate acerca do uso da Internet sobre a identidade e a sociabilidade

Nesta subseção, será tratado sobre o uso da Internet, organizando as contribuições dos autores mobilizados em dois eixos centrais: os que salientam os aspectos positivos e aqueles que apontam os aspectos negativos observados na utilização da rede mundial de computadores. Os principais elementos tratados estão em torno da sociabilidade e da construção da identidade.

Para adentrar ao debate sobre uso da Internet, é importante refletir sobre uma questão básica que são, pelo menos, duas formas com que a sociedade orienta o comportamento das pessoas e, a partir dessas, as redes sociais são construídas. Salientando a dimensão cultural, Castells (2003, p. 41) entende que a produção social é estruturada culturalmente e apresenta o conceito de cultura como:

Um conjunto de valores e crenças que formam o comportamento; padrões repetitivos de comportamento geram costumes que são repetidos por instituições, bem como por organizações sociais informais. A cultura é uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito, neste caso os produtores/usuários da Internet (CASTELLS, 2013, p. 41).

Entre os elementos abordados que aparecem nessa citação, instituições são debatidas nas formas com que são tratadas no seio das ciências sociais, qual seja, na perspectiva de regras formais, culturais ou informais com vitalidade para orientar comportamentos que sofreram fortemente a penetração da Internet. Para exemplificar essa abordagem de Castells (2013), podem-se citar os esforços para a regulação da Internet, ou seja, as proposições de regulação jurídica para normatizar a utilização da rede. No Brasil, o marco civil da Internet em 2014 exemplifica esses esforços, seguidos de leis que versam sobre crimes praticados na rede.

Hirayama (2013) entende que se antes os meios tinham que se adaptar ao modo de vida das pessoas, hoje as pessoas que se adaptam às mudanças desencadeadas pelos novos meios. Porque são eles os responsáveis por promover essas mudanças sociais que configuram uma nova forma de agir e pensar dos indivíduos complexos contemporâneos.

Hirayama (2013) participa do debate sobre as identidades nesse meio de comunicação, para quem, o uso indiscriminado das redes sociais, principalmente por aqueles pertencentes à Geração Y (ou *Millennial*, dos nascidos a partir de meados da década de 1980), fez com que

as pessoas crescessem e vivessem mergulhadas nesse universo virtual das plataformas sociais, moldando suas próprias personalidades de acordo com o meio digital utilizado.

Hirayama (2013) cita Carr (2011) para apontar mudanças neurológicas advindas do uso de tecnologias. A menção a esses autores é importante para sinalizar a amplitude do debate sobre a Internet; embora não seja o foco deste trabalho, vale mencioná-los. Neles, encontra-se a defesa da ideia de que a tecnologia da Internet provoca mudanças neuroplásticas no cérebro humano, tornando os humanos seres mais superficiais e com menor capacidade de concentração nos seus afazeres.

No que tange ao segundo aspecto mencionado, a afirmação sugere como ponto de elucidação dessa exposição um fato que pode ser percebido no cotidiano das pessoas que fazem uso da Internet: sempre que uma notificação aparece no celular ou no computador, para-se imediatamente aquilo que se está fazendo e, mesmo sem perceber, dá-se uma olhada na notificação. Não só se distrai com esses avisos, como também se anseia por eles. Fica-se faminto por constantes atualizações e se decepciona, quando não há nada mais recente para se contemplar.

A realidade atual é desafiadora em relação à prática e à forma de pensar a comunicação até a década de 1980. Os clássicos Berger e Luckmann (1985) defendiam que a realidade é construída em termos sociais e que a formação de cada ser humano está submetida à contínua interferência, determinada pela sociedade. O eu de cada um só é desenvolvido na relação com o ambiente, ou seja, com a sociedade. Levando em conta essa premissa, tem-se o seguinte questionamento: como se dá o desenvolvimento das condições humanas na era da informação? De que maneira a oferta de meio diversos e mais intensos de produção de informação e comunicação agem na formação social?

Para Berger e Luckmann (1985, p.47), a única forma de interação válida seria o encontro face a face. É só nesse momento e nesse tipo de situação que é possível que dois “eus” diversos interajam de forma completa. “Nenhuma outra forma de relacionamento social pode reproduzir a plenitude de sintomas da subjetividade presentes na situação face a face”. Quando se impõem distâncias no ato de comunicar, criam-se pontes com os interlocutores por meio da linguagem e se criam pontos de referência comuns entre os indivíduos. A linguagem criou uma forma de alinhar padrões em um corpo social, permitindo a comunicação, portanto, a linguagem produz sentido mesmo àquilo que está distante.

Para Hirayama (2013), a Internet se tornou um meio e uma ferramenta fundamentais para as ações do cotidiano dos indivíduos complexos da sociedade atual. Hoje, é impensável desempenhar a maioria das atividades do dia a dia sem a participação direta ou indireta da Internet: utiliza-se essa como fonte de informação, pesquisa, trabalho e lazer.

Por outro lado, os perfis em redes sociais viraram uma espécie de “vitrine”, uma exposição pública do que o usuário afirma ser em relatos diários. Tal exposição é explicada por Bauman (2008) como sendo uma forma de vender sua imagem para o mundo, ação característica de um indivíduo líquido-moderno que procura sempre se autodefinir.

Ainda que o eu que a pessoa está lutando para exibir e tornar reconhecido esteja destinado pelo ator a preceder, antecipar e predeterminar a escolha da identidade [...] é o impulso de seleção e o esforço de tornar a escolha publicamente reconhecível que constituem a autodefinição do indivíduo líquido-moderno. Esse esforço dificilmente seria realizado se a identidade em questão fosse de fato dotada de poder determinante que ela afirma possuir e/ou se acredita que possua. (BAUMAN, 2008, p. 141).

Essa necessidade de exposição afeta o modo como as pessoas se comunicam com o seu próprio meio, a forma como vivenciam as atividades e experiências de suas vidas, dando a elas um caráter efêmero e até mesmo superficial, na ânsia de exibirem suas vidas para os outros; transformam, por exemplo, momentos vivenciados em fotos clicadas apenas para falarem que estiveram ali, sem de fato viverem aquilo. Da mesma maneira, lugares visitados se tornam somente um “*check*” a mais na lista do *Foursquare* (aplicativo que registra os locais visitados pelo usuário) e opiniões viram frases montadas que possam obter o maior número possível de “curtidas” no *Facebook*.

Ao mesmo tempo em que essas informações têm caráter efêmero, considerando-se o peso real que tiveram na vida do indivíduo, elas se eternizam dentro do sistema binário dos computadores, perdurando no sistema eternamente, uma vez que, a partir do momento em que são publicadas na Internet, o autor não tem mais o controle total sobre seu destino. É fato que as pessoas vivem cada vez mais à mercê de suas almas digitais e que a sociedade vem pensando em novas maneiras de como se adaptar a essa nova realidade, na qual os indivíduos possuem uma vida virtual independentemente de suas identidades reais orgânicas. Como hoje praticamente todas as pessoas possuem uma conta em alguma rede social, quando alguém morre, seu perfil digital continua ali, intacto. As identidades criadas no mundo digital são de tal relevância hodierna que existe a preocupação de o que fazer com elas após a morte física.

Hirayama (2013) ajuda a refletir como tais ideias fazem questionar onde se encontra a tênue linha que separa a vida real da virtual, e se ela, de fato, existe. Se por um lado as relações entre o universo digital e o analógico são distanciadas pelas incongruências de identidades digitais e reais que são criadas, por outro, há situações em que esses dois universos se mesclam e se tornam interdependentes, como no caso das manifestações populares que começaram nas redes sociais e acabaram atingindo as ruas.

Investindo na reflexão acerca da utilização da Internet, Castells (2003) aponta que a Internet parece também desempenhar um papel positivo na manutenção de laços sociais fortes a distância. Já se observou muitas vezes que relações de família, pressionadas pela crescente disparidade das formas de família, pelo individualismo e, por vezes, pela mobilidade geográfica, estão sendo ajudadas pelo uso do e-mail. Nessa direção, para esse autor, o papel mais importante da Internet na estruturação de relações sociais é a sua contribuição para o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo.

Cada vez mais, as pessoas estão organizadas não simplesmente em redes sociais, mas em redes sociais mediadas por computador. Castells (2003) esclarece que não é a Internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade. Ele afirma que os usos da Internet são, esmagadoramente, instrumentais, e estreitamente ligados ao trabalho, à família e à vida cotidiana. O e-mail, por exemplo, representava mais de 85% do uso da Internet, e a maior parte desse volume relacionava-se a objetivos de trabalho, a tarefas específicas e à manutenção de contato com a família e amigos em tempo real.

Castells (2003, p. 123) entende que a Internet foi apropriada pela prática social em toda a sua diversidade, embora essa apropriação tenha efeitos específicos sobre a própria prática social. Para ele, a representação de papéis e a construção de identidade como base da interação *on-line* representam uma proporção minúscula da sociabilidade baseada na Internet, e esse tipo de prática parece estar fortemente concentrado entre adolescentes. São eles que estão no processo de descobrir sua identidade, de fazer experiências com ela, de descobrir quem realmente são ou gostariam de ser, oferecendo assim um fascinante campo de pesquisa para a compreensão da construção e da experimentação da identidade. O autor mostra ainda que a proliferação de estudos sobre esse assunto distorceu a percepção pública da prática social da Internet, mostrando-a como o terreno privilegiado para as fantasias pessoais.

Entretanto, não se trata apenas disso, é uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades.

Estudos mostram que há, no entanto, relatos conflitantes sobre os efeitos do uso da Internet sobre a sociabilidade. Nos Estados Unidos, dois estudos costumam ser citados como prova do efeito isolador da Internet: um levantamento *on-line* da Universidade Stanford junto a 4.000 usuários, realizado por Nie e Erdring (2000), e o extremamente difundido estudo de Pittsburgh, levado a efeito por Kraut *et al.* (1998). Nie e Erdring (2000) observaram um padrão de interação pessoa a pessoa declinante e perda de envolvimento social entre usuários pesados da Internet, ao mesmo tempo em que relataram que, para a maioria dos usuários, não houve mudança significativa em suas vidas. Kraut *et al.* (1998), num estudo cuidadosamente planejado de uma amostra de 169 famílias durante os dois primeiros anos de sua experiência com comunicação mediada por computador, verificaram que o maior uso da Internet estava associado a um declínio na comunicação (CASTELLS, 2003, p. 128).

No caso do levantamento de Nie e Erdring (2000), a perda de sociabilidade relatada dizia respeito apenas aos usuários mais assíduos da Internet, o que poderia indicar a existência de um limiar de uso da Internet acima do qual a interação *on-line* sacrifica a sociabilidade *off-line*. O uso do e-mail aumenta a vida social com a família e os amigos, e amplia os contatos sociais gerais, após o controle de possíveis variáveis intervenientes que não o uso de e-mails.

Isso pode ser mais bem compreendido a partir de outro estudo relatado por Di Maggio *et al.* (2001, *apud* Castells, 2003), segundo os quais, embora os usuários da Internet não mostrem sociabilidade declinante após certo limiar de atividade *on-line*, eles de fato substituem outras atividades, como os serviços domésticos, o cuidado da família ou o sono pelo uso da Internet (NEUMAN *et al.*, 2001 *apud* CASTELLS, 2003, p. 102).

Castells (2003) entende que, de modo geral, os dados supramencionados não sustentam a tese de que o uso da Internet leva a menor interação social e maior isolamento social. Há alguns indícios, porém, de que, sob certas circunstâncias, o uso da Internet pode servir como um substituto para outras atividades sociais. Como os estudos que sustentam teses alternativas foram realizados em diferentes momentos, em diferentes contextos e em diferentes estágios da difusão do uso da Internet, por isso, é difícil chegar a uma conclusão definitiva sobre os efeitos da Internet sobre a sociabilidade.

É certo que as sociedades não evoluam rumo a um padrão uniforme de relações sociais. De fato, é a crescente diversidade dos padrões de sociabilidade que constitui a

especificidade da evolução social nas sociedades. Castells (2003) considera que talvez o passo analítico necessário para se compreenderem as novas formas de interação social na era da Internet seja tomar por base uma redefinição de comunidade, dando menos ênfase a seu componente cultural, e mais a seu papel de apoio a indivíduos e famílias, desvinculando sua existência social de um tipo único de suporte material.

Castells (2003) afirma que as comunidades, ao menos na tradição da pesquisa sociológica, baseavam-se no compartilhamento de valores e organização social. As redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais. Dessa forma, a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade. O autor observa que o novo padrão dominante de sociabilidade parece fundar-se no que se poderia chamar de relações terciárias, ou no que Wellman (2000, *apud* CASTELLS, 2003, p. 133) nomeia como “comunidades personalizadas”, corporificadas em redes egocentradas. O novo padrão de sociabilidade na sociedade contemporânea é caracterizado pelo individualismo em rede.

As análises de Castells (2003) demonstram também as alterações das relações na sociedade civil, entre a sociedade civil e o Estado e as expectativas de uso político da Internet. Como se pode observar nos conceitos anteriormente citados, a Internet está se tornando um meio essencial de comunicação e organização em todas as esferas de atividade; é óbvio que também os movimentos sociais e o processo político a usam – e o farão cada vez mais – como um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar.

Castells (2003) faz uma observação de forma sucinta sobre a interação entre a Internet e processos de conflito sociopolítico, representação e administração, focalizando quatro áreas distintas, embora relacionadas, em que essa interação tem lugar: a nova dinâmica dos movimentos sociais, a interconexão de comunidades locais por computadores, a importância delas para a participação do cidadão e os usos da Internet na prática da política informacional.

Parece ser essencial refletir sobre as modificações que o sistema de informatização e possibilidade de comunicação *on-line* podem ser capazes de inserir no corpo social. Castells (2003), que analisa diversas pesquisas sobre os usos e apropriações da Internet, aponta que é impossível chegar a uma conclusão final sobre a temática. A pesquisa não conseguiria acompanhar as inovações tecnológicas, por isso:

O estudo da sociabilidade na/sobre/com a Internet deve ser situado no contexto da transformação dos padrões da sociabilidade em nossa sociedade. Isso não significa menosprezar a importância do meio tecnológico, mas inserir seus efeitos específicos na evolução geral de padrões de interação social e em sua relação com os suportes materiais dessa interação: espaço, organizações e tecnologias da comunicação (CASTELLS, 2003, p. 105).

A configuração de sociedades em rede, beneficiadas pelos artefatos tecnológicos, de acordo com Castells (2003), cria novas formas de sociabilidade, variáveis e cambiantes. O que é possível apreender desse novo modelo é que cada indivíduo está em contato com muitas fontes de informação e o contato passa a ser feito com base em interesses individuais. A vizinhança, a proximidade e o contato face a face deixam de ser prerrogativas para o contato com um novo conteúdo, como na organização tradicional da sociedade.

Essas escolhas, baseadas no interesse particular, formam redes de comunicação que dão o tom da “era da informação”. Ampliadas as possibilidades de comunicar, fica modificada também a cultura, uma vez que essa é mediada pela comunicação (CASTELLS, 1999, p. 354). É por meio do compartilhamento de simbologias e conceitos nos meios de comunicação que a sociedade se reconhece. Mesmo com a desigualdade no acesso à tecnologia, Manuel Castells (2003) defende a necessidade de analisar essas novas possibilidades comunicativas porque existem continuidades social e histórica suficientes para configurar o movimento de virtualização de relações como uma tendência.

Hirayama (2013) afirma, ainda, que não é somente isso, mas, cada vez mais, percebe-se o importante papel dessas redes nas vidas humanas e o modo como a relação com elas no universo *on-line* produz impactos no *off-line*. Além disso, é interessante notar como as redes sociais intermedeiam a relação entre o mundo analógico e o digital – ora estreitando relações e tornando invisível qualquer linha de divisão que haja entre eles, ora evidenciando as diferenças e mostrando o abismo que separa esses dois mundos. Essa observação abre espaço para reflexões sobre importantes aspectos que perpassam essas divisões. Provavelmente, serão encontrados elementos que reproduzem marcadores de desigualdades sociais.

Para Maturana (2001, p. 188 *apud* Hirayama, 2013, p.7), o uso da tecnologia torna-se um vício, “cuja presença os nela viciados desejam justificar com argumentos racionais fundados na realidade histórica de sua imensa expansão nos tempos modernos.”. Faça o que quiser de forma fácil e conveniente pela web sem sair de casa, do trabalho, buscando informações sobre qualquer assunto nas mais diversas bibliotecas, obtendo produtos de qualquer lugar do mundo e conversando por meio de salas de chat (*chat rooms*), não importa

se é dia ou noite, sempre que, com amigos ou estranhos de longe, mais e mais fãs são trazidos para a Internet.

Está-se na era da cibercultura, que “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVI, 1999, p. 18). Com todo o apelo que a Internet tem a oferecer, as pessoas estão sendo levadas a passar mais tempo na frente do computador. Esse novo modo de vida, criticado por muitos autores, deve-se ao uso excessivo de computadores.

Segundo Nie e Lutz (2000), a Internet está gerando uma onda de isolamento social e nutrindo o espectro de um mundo sem contato humano ou emoção. “Quanto mais tempo as pessoas passam na Internet, menos tempo passam com pessoas reais.” Isso sugere que a navegação no ciberespaço não é mais uma atividade relacionada ao trabalho e está se tornando um hábito familiar. O tempo que antes era dedicado a outras formas de lazer e interação social está sendo ocupado pela Internet. Levando em consideração esses aspectos, observa-se que a Internet está promovendo grandes mudanças no comportamento social e pessoal das pessoas.

Numerosos estudos mostraram que um número crescente de pessoas acessa a Internet, muitas das quais passam cada vez mais tempo na Internet, mas apenas alguns pesquisadores no campo da psicologia começaram a fazer pesquisas mais aprofundadas para tentar entender como a web está mudando, fazendo com que a vida das pessoas se concentre na mudança de hábitos e padrões comportamentais, e os problemas resultantes. Em 1995, o primeiro a usar o termo vício em Internet foi Goldberg, que propôs o transtorno patológico do uso de computador do vício em Internet como categoria diagnóstica. Os computadores podem prejudicar seu funcionamento físico, psicológico, interpessoal, conjugal, econômico e/ou social (RAZZOUK, 1998).

Utiliza-se a Internet para trocar e-mails, expressar opiniões em grupos de discussão *on-line* e conversar em salas de bate-papo, assim, as conversas *on-line* são interativas e imediatas, criando uma sensação de intimidade ao fazer parte da mesma “sala de aula” eletrônica. E a ausência de contato físico não significa ausência de contato emocional, mesmo por meio de mediação computacional. As ações do remetente são traduzidas em palavras, imagens e sons, que são transmitidos ao computador do destinatário por meio de linhas telefônicas, cabos e satélites. O toque que originalmente apontava para o corpo da outra pessoa se transformou em uma digitação apaixonada no teclado. Olhares de admiração,

dúvida, questionamento e excitação apontam para as palavras e imagens na tela do computador. Emoções, fantasias, desejos são criados e incitados, levando à amizade, paixão, amor na vida virtual e real.

No entanto, na concepção de Baudrillard (1991 *apud* Coelho 2002), essa comunicação virtual estabelece uma ruptura no próprio processo de comunicação, pois traz à consequência final o caráter de autodestruição. O virtual aprimora a natureza artificial e simulada do processo de comunicação. Transformar a comunicação em paisagem significa que não se podem vivenciar experiências reais, tudo vive antecipadamente de forma virtual: antes de comer, consome-se comida na forma de fotos de cardápios na Internet; antes de encontrar pessoas com quem se pode conversar e entender, informações foram atendidas e trocadas pela Internet, de modo que o processo de conquista foi antecipado. A priorização das imagens e do diálogo na Internet, diante da realidade, inviabilizou a circulação social do sentido, encerrando assim a comunicação e a era moderna (BAUDRILLARD, 1991 *apud* Coelho 2002).

Baudrillard (1991 *apud* Coelho 2002) entende que esse padrão produz um esvaziamento da realidade, pois não se pode mais distinguir entre o real e o imaginado. Conecta-se com pessoas fictícias a partir das imagens a elas associadas, resultando na fragmentação das cidades modernas e no vazio da atividade social. A realidade está deserta porque o sentido foi esvaziado. Para Lévy (1996 *apud* Coelho 2002), por outro lado, a comunicação virtual é um elemento de um processo que abrange toda a vida social, uma vez que o movimento generalizado de virtualização hoje afeta não apenas a comunicação de informações, mas também o corpo, o funcionamento econômico e o quadro coletivo da sociedade ou exercício intelectual. Afeta a forma como se está junto e quem se é, embora a onda de fundo da digitalização da informação e da expansão do ciberespaço vá muito além da informatização. Para Lévy (1996 *apud* Coelho 2002), a produção e disseminação de informações em rede de computadores é um elemento-chave de uma sociedade em mudança. A virtualização se torna um processo coeso de toda a vida social, cada vez mais marcado pela ruptura dos constrangimentos espaço-temporais.

Assim, Baudrillard (1991 *apud* Coelho 2002) interpreta o virtual como o esvaziamento da realidade e o fim da comunicação, enquanto Levy (1996 *apud* Coelho 2002) interpreta o virtual como o exercício da criatividade e a garantia da permanência do processo de comunicação. Para Baudrillard (1991 *apud* Coelho 2002), a virtualidade significa o fim do

sentido, para Levi (1996 *apud* Coelho 2002) é a criação de novos sentidos: a virtualidade será uma característica da própria comunicação (linguagem), a partir do momento em que os humanos começam a produzir textos existem:

Face à configuração de estímulos, de coerções e de tensões que o texto propõe, a leitura resolve de maneira inventiva e sempre singular o problema do sentido. A inteligência do leitor levanta por cima das páginas vazias uma paisagem semântica móvel e acidentada (LÉVY, 1996, p.35 *apud* Coelho 2002, p.120).

As crianças não interagem mais com as outras crianças, limitam seu espaço de brincadeira à frente do computador, perdem o aspecto "crianças devem brincar" na infinidade de jogos e nas maravilhas que a Internet fornece. Mas se os pais souberem distinguir o tempo de brincadeira do tempo de vida, e o mais importante, não "viciado", o computador deve ser um aliado dos pais e professores na educação, pois o raciocínio se torna mais rápido e aguçado, contudo, a realidade tem mostrado muitas dificuldades em relação ao uso da rede que migram de um uso favorável das tecnologias, chegando inclusive a abusos e crimes.

Cientistas brasileiros das áreas sociais e humanas têm trazido reflexões importantes nos resultados de suas pesquisas. Analisando dados de uma pesquisa com adolescentes numa importante cidade brasileira, duas pesquisadoras apresentam resultados da influência da Internet no comportamento desse segmento da população:

Assim, o estudo mostrou que o uso excessivo das tecnologias digitais acarreta diversos problemas, entre eles, isolamento social, narcisismo, depressão, ansiedade, dependência etc. No campo cognitivo, esse uso desregulado pode provocar diversas patologias relacionadas ao excesso de informações não processadas, que terminam por gerar uma sobrecarga cognitiva ao invés de conhecimento. (SILVA; SILVA, 2017, p.95).

O intuito de apresentar essa citação é dizer que as preocupações que são expostas no debate geral sobre o uso da Internet e suas vantagens e desvantagens estão presentes nas pesquisas científicas no Brasil, acrescidas das especificidades do país.

### **Considerações finais**

Com a Internet, as barreiras e limites geográficos foram ultrapassados e proporcionaram novos horizontes para a comunicação entre as pessoas. A “apropriação” de

espaços na rede mundial pelos variados movimentos de luta tem contribuído para o fortalecimento das demandas sociais, ao oferecer certos tipos de organização, formas de articular ações e de se fazer política que não existiam antes.

Por outro lado, uma reflexão importante é que à medida que a rede se expandiu, a distância física/pessoal se tornou objeto de observação e preocupação. Chama atenção o acelerado processo de produção de novas tecnologias de informação e comunicação e o debate nas ciências sociais integrado com outras áreas do conhecimento aponta elementos positivos, mas também negativos como consequências do desenvolvimento da internet.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulações. Lisboa: Relógios D'Água, 1991, *apud* COELHO, Cláudio P. Novais. A comunicação virtual segundo Lévy e Baudrillard: uma visão crítica. **Communicare**, v. 2, n.1,2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CARR, N. A Geração Superficial: o que a Internet está fazendo com nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011 *apud* HIRAYAMA, M. S. **As transformações sociais desencadeadas pela Internet e redes sociais nos Universos Analógico e Digital**. **Anagrama**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 1-13, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/78994>. Acesso em: 8 nov. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v. I, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DI MAGGIO, Paul; HARGITTAI, Eszter; NEUMAN, W. Russell; ROBINSON, John P. The Internet's effects on society, *Annual Reviews of Sociology*, 2001 *apud* CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HIRAYAMA, M. S. As transformações sociais desencadeadas pela Internet e redes sociais nos Universos Analógico e Digital. **Anagrama**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 1-13, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/78994>. Acesso em: 8 nov. 2021.

KRAUT, R. Patterson; M, LUNDMARK, V.; KIESLER, S.; MUKHOPADHYAY, T.; SCHERLIS, W. Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological well-being. **American Psychologist**. v. 53, nº 9, pp. 1017-1031, 1998.

LÉVY, Pierre. **O Que é virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. *apud* COELHO, Cláudio P. Novais. A comunicação virtual segundo Lévy e Baudrillard: uma visão crítica. **Communicare**, v. 2, N.1, 2002

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34 Ltda. (edição brasileira), 1999.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, *apud* HIRAYAMA, M. S. As transformações sociais desencadeadas pela Internet e redes sociais nos Universos Analógico e Digital. **Anagrama**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 1-13, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/78994>. Acesso em: 8 nov. 2021.

NIE, N. H.; ERBRING, L. Our shrinking social universe. **Public Perspective**, v. 11, nº 3, pp. 44-45, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório Internet e direitos humanos de 2011**. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/74901-artigo-Internet-e-direitos-humanos>. Acesso em: 21 jan. 2021.

RAZZOUK, Denise. Dependência da Internet: uma nova categoria diagnóstica? **Psychiatry on line Brasil**, v.3. n.3, 1998. Disponível em <https://www.polbr.med.br/ano98/dpnet.php> acesso em 17 dezembro de 2021

RODRIGUES, Adriano. **Comunicação e cultura**: a experiência cultural na era da informação. Porto: Ed. do Porto, 1994.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

VAZ, Conrado Adolpho. **Google Marketing**: o guia definitivo do marketing digital. São Paulo: Novatec Editora, 2007.

WELLMAN, Barry (1979) “The community question”, *American Journal of Sociology*, 84, p.1201-3, *apud* CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

**Artigo submetido em: 04 de novembro de 2022.**

**Artigo aceito em: 15 de dezembro de 2022.**